A funcionalização da actividade económica

O foco de covid 19 na fábrica Gencoal nas Caxinas/ Vª do Conde e o seu relato e notícia pública, mostra bem como a nossa Comunicação Social trata e classifica os nossos trabalhadores na relação social com o trabalho.
Uma repórter da RTP passou alguns minutos frente à fábrica conserveira a classificar os trabalhadores como funcionários. O mesmo aconteceu na TVI24. Em todas as televisões nos noticiários, a fábrica conserveira só tinha funcionários, quando muito trabalhadores, mas operárias ou operários é que não tinha.
Na Imprensa, a jornalista Ana T. Marques do JN utilizou duas vezes a classificação profissional de operárias, funcionários uma vez e trabalhadores uma vez; no Publico, Abel Coentrão utilizou duas vezes a classificação operárias, três vezes trabalhadores e duas vezes funcionários/as.
Saliento que em todas as televisões, nas reportagens e noticiários, foi ignorado que numa fábrica conserveira existiam operárias especializadas na cadeia de produção. São elas quem na cadeia de produção põem o salmão na lata. Claro que numa fábrica conserveira, ou noutras, têm de existir trabalhadores administrativos que processam os salários e outra papelada – esses são os funcionários. Mas não há notícia que nesta fábrica, ou noutras, os funcionários ponham o salmão ou a sardinha na lata de conserva.
Qual a origem desta onda confusionista no tratamento jornalístico da estrutura social da população activa?
Que razões podem existir para que tal aconteça?
No 9.º ano de escolaridade caracteriza-se a estrutura social da população activa aos alunos e dividem-se os sectores de actividade económica: Sector Primário (Agricultura), Secundário (Indústria), Terciário (Serviços).
Não conheço o que se ensina nas faculdades de jornalismo. Será que se desenvolve o que se ensina no 9.º ano de escolaridade de História? A terciarização da sociedade tem limites técnicos e sociais de instalação. Por mais digitalização e robotização que haja na produção nunca um robô poderá processar na cadeia de produção ovas de sardinha em lata e muito menos um funcionário.
Um servente de pedreiro é um funcionário da construção civil? E um pedreiro profissional? Um trabalhador portuário nos serviços administrativos é um funcionário, mas na estiva quem está a trabalhar é um operário, um estivador e os funcionários não carregam nada. Não podemos diluir uma relação social de trabalho concreta numa relação geral abstracta de trabalho, num trabalhador indiferenciado.
Não se pode confundir um operário com um funcionário.
O silêncio das televisões
Será que nomear a classe operária numa reportagem é evocar o diabo? A classe operária é uma classe perigosa?
Ainda é, e é com «isso» que se quer acabar para instalar a harmonia social. Não há luta de classes.
A classe operária só aparece na Comunicação Social quando faz greves que põem em causa a sobrevivência da nação, seja do capital.
A luta de classes está em extinção, mas sempre vai aparecendo e isso é perigoso.
Reportagens sobre a vida quotidiana dos nossos trabalhadores/operários na construção civil, na industria metalomecânica, na AutoEuropa, na estiva de Lisboa ou Setúbal não há, mas há fornadas de receitas de gastronomia e comentários de futebol.

O manto diáfano da fantasia promovido pela Comunicação Social cai sobre as relações sociais de produção. E o Covid rasgou o véu!

José Raimundo Correia de Almeida

PS. O Público, balançando no meneio da OVARINA, tem de dedicar algumas páginas do Suplemento P2 à História da Indústria Conserveira. Há tempo para investigar na redacção ou convidar historiador.